



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
ISSN: 2238-6424 / QUALIS – CAPES B1 / LATINDEX
Nº. 26 – Ano XII – 10/2024
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Desafios contemporâneos da formação docente e contribuições cinematográficas: reflexões acerca da diversidade

Ana Paula André
Doutoranda em História na Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UNIOESTE/PR – Brasil
<http://lattes.cnpq.br/8370422624449065>
e-mail: aninhandre21@gmail.com

Resumo: O presente artigo parte de uma pesquisa bibliográfica. Enquanto revisão de literatura, apresenta um panorama de pesquisas que se aproximam da temática proposta, por meio de campos teóricos e caminhos que já foram explorados em livros e artigos de diferentes autores/as, os quais se constituem como base para este percurso analítico. No campo da educação e da formação docente, adotamos a perspectiva do cinema, pelo viés crítico, na compreensão deste enquanto artefato cultural e de relevância para a prática docente. Sendo assim, objetivamos, aqui, refletir sobre a formação do professor a partir do uso de tecnologias audiovisuais — de forma específica, o cinema, tendo em vista que ele possibilita várias leituras e compreensões, principalmente numa abordagem interdisciplinar, considerando as questões que envolvem a diversidade. A construção social do conhecimento, principalmente no que se refere à discussão a respeito da inclusão e da diversidade, perpassa as diversas leituras de aparatos tecnológicos que estão conectados ao dia-a-dia do aluno. O trabalho com tecnologias digitais e midiáticas proporciona um espaço de leituras diversas e ressignificação de conceitos, uma reflexão necessária para a aquisição dos conhecimentos que envolvem a formação docente, seja ela inicial ou continuada. Assim, compreendemos essa interlocução entre o ensino e a comunicação midiática como um permanente desafio para os educadores, tendo em vista a possibilidade de uma educação crítica da realidade.

Palavras-chave: Diversidade. Educação. Cinema. Formação docente.

Introdução

Esta pesquisa, que tem como base teórica uma revisão de literatura, sob uma perspectiva crítica, trata da formação continuada de professores levando em conta o cinema como artefato cultural e ferramenta pedagógica, que permite ampliar a compreensão das relações sociais e da realidade dos atores que permeiam a escola, desconstruindo o que está naturalizado. A formação de professores na contemporaneidade tem encontrado inúmeros desafios, a começar pela inclusão da diversidade, no que diz respeito às diferenças, e principalmente, a preocupação com as minorias, povos marginalizados, questões de gênero e raça.

A educação, para assumir seu papel emancipatório, precisa apresentar a reflexão, levando em conta a compreensão de um dos grandes desafios da formação docente hoje: pensar e criar estratégias por meio de filmes que discutem temáticas ligadas à diversidade, tais como “*A Mulher Rei*”¹ (2022), e “*Medida Provisória*”² (2022), para que se fomente uma educação crítica, centrada na inclusão da diversidade e na conscientização social. Isso sob o viés das tecnologias midiáticas para além de seu uso meramente instrumental.

A temática da diversidade assume novas possibilidades, e disso emerge a necessidade de ampliação das reflexões sobre o uso das tecnologias educacionais em sala de aula, principalmente pelas vias da produção cinematográfica. Os avanços da ciência e da tecnologia requerem reflexões sobre o seu uso e o caráter interdisciplinar, extrapolando a unilateralidade e abrangendo a complexidade relacionada às questões que ligam a Educação à inclusão da diversidade na construção social (Domingos, 2016).

Neste contexto, é imperativo um olhar mais atento para a formação docente inicial, tendo em vista as fragilidades que esta apresenta nos cursos de licenciatura³, o que provoca a falta de reflexão dos futuros professores no que se refere ao tecnologias audiovisuais — de forma específica em relação ao cinema —, assim

¹ A Mulher Rei. Dirigido por Gina Prince-Bythewoo. Produção de Sony Pictures Releasing: Estados Unidos, 2022.

² Medida Provisória. Direção: Lázaro Ramos. Produção de Lebery Produções e Lata Filmes. Brasil: Estados Unidos: Globo Filmes, 2022.

³ “Formar professores em um país onde a educação de fato não é considerada como prioridade, onde a vontade política não se compromete seriamente com as questões básicas da educação-alfabetização, escolarização primária para todos e de qualidade, formação para a cidadania, entre outras, é tarefa por muitos considerada fadada ao fracasso” (Candau, 1997, p. 32).

como as dificuldades na formação continuada⁴ daqueles que já atuam. Possibilitar a ultrapassagem de barreiras da formação inicial e continuada que favoreça a construção de um pensamento crítico sobre o cinema traduz-se em uma oportunidade para as diversas leituras, despertando curiosidades, análises e criticidade, mas principalmente, apontando um caráter dialógico entre a tecnologia que permeia a sociedade e o conhecimento produzido sobre educação. A linguagem fílmica, utilizada e potencializada de forma crítica na formação do educador, e posteriormente em sua prática educativa, favorece novas possibilidades de interação.

[...] o contato com filmes produz, num primeiro momento, apenas *imagos*⁵ - entendidos aqui como marcas, traços, impressões, sentimentos - significantes que serão lentamente significados depois, de acordo com os conhecimentos que o indivíduo possui de si próprio, da vida e, sobretudo, da linguagem audiovisual. O domínio progressivo que se adquire dessa linguagem, pela experiência com ela, associado a informações e saberes diversos significa e ressignifica indefinidamente as *marcas* deixadas em nós pelo contato com narrativas fílmicas (Duarte, 2002, p. 74 – grifos do autor)

Tanto a formação inicial docente quanto a continuada, nesse processo, devem abranger diversas leituras e estarem ligadas às tecnologias em toda a sua amplitude, sejam elas midiáticas ou não. Na compreensão de Mercado (1999), é preciso ultrapassar certas barreiras que interferem negativamente no processo de aprendizagem, dentre as quais,

[...] a falta de vinculação com a prática e o saber docentes, superposição de conhecimentos sem compreensão interdisciplinar dos processos educativos; reprodução do modelo de aprendizagem escolar; deficiente formação dos formadores de professores, modalidades inadequadas de ensino. É preciso também integrar formação inicial e continuada num único plano de formação (Mercado, 1999, p. 106).

Assim, “uma leitura sobre qualquer produto da cultura midiática, seguida de uma interpretação crítica, previamente estruturada, nos auxilia a compreender

⁴ Nossa perspectiva é que “no pressuposto de que a formação continuada seja oferecida aos professores como atualização/complementação ao longo de sua carreira, constituindo-se em parte da organização do sistema de educação nacional sem, contudo, prescindir de que a formação inicial confira aos futuros professores [...] a universalização de conhecimentos científicos explicativos dos processos naturais e da sociedade [...]” (Leher, 2014 apud Magalhães e Azevedo, p. 17, 2015).

⁵ Grifo do autor.

conteúdos, conduzir uma discussão teórica fundamentada, contextualizar comportamentos e práticas humanas” (Domingos, 2016, p. 23).

Ao articular o cinema como foco dessas tecnologias⁶, buscamos trazer para o debate da formação docente os direitos humanos, assegurando a ampliação do conhecimento da igualdade e não discriminação, de modo que estes possam ser abordados, com ênfase nas contradições e nas ideologias impregnadas em sua linguagem. Por exemplo, se analisarmos o filme *Medida Provisória*, percebemos que as discussões (de gênero e racial) são colocadas em seu entrecho para refletir sobre a cristalização histórica da ideologia dominante. Evidencia-se “que o filme possuía como objetivo transpassar aspectos da realidade inseridos num mundo fictício tão difícil e adoecedor para as pessoas negras quanto na realidade” (Quadros; Cruz, 2022, p. 111).

Ao levarmos para sala de aula, pode-se pensar em práticas que fomentem o debate, de modo a desconstruir (ou afirmar, se for o caso) as ideias trabalhadas no enredo. É um filme que mostra como a luta contra a opressão, seja de classe, seja identitária é fragilizada. Partimos da compreensão da necessidade de que se amplie a relação entre cinema e educação, inserindo, em seu cerne, temas específicos que incorporam o entendimento da diversidade, e que reverberam como via indispensável de respeito à dignidade humana. Na formação docente no Brasil, pouco se tem acerca de disciplinas sobre tecnologias educacionais nos cursos de licenciatura, ou mesmo sobre a compreensão de novas didáticas e metodologias educacionais que possibilitem o debate sobre esse arcabouço teórico que envolve cinema⁷ e educação.

Ao evidenciar a relação entre a Sétima Arte e o fazer pedagógico, é preciso explicitar a intencionalidade do uso da forma midiática enquanto objeto de reflexão na formação continuada do professor, sujeito que busca, em sua prática cotidiana e educativa, o permanente reconstruir-se e contribuir com a articulação dos saberes

⁶ “O caminhar para a construção definitiva dessa cultura audiovisual não pode, no entanto, ser confundido com o movimento de criação de novas disciplinas ou ‘matérias’ nos cursos universitários – e isto pode ser estendido aos demais níveis – para ensinar vídeo, televisão ou técnicas audiovisuais. Trata-se, diferentemente disso, de desenvolver um trabalho que considere o conjunto de professores, pesquisadores, alunos, como imersos nesse mundo audiovisual e que essas questões passem, portanto, a fazer parte do cotidiano universitário como parte dessa cultura e não como mais uma técnica – ou tecnologia – que precisa ser apreendida” (Pretto, 1996, p. 233).

⁷ “[...] É compreendido como um artefato cultural, portanto capaz de disseminar saberes e educar o seu público” (Gurgel; Maknamara, 2019, p. 1502).

constitutivos de sua profissão. Isso não apenas para o uso da tecnologia, o que a faria meramente instrumental, mas também para utilizá-la para ampliar debates e conhecimentos, levando em conta elementos como inclusão, respeito e valorização do outro. Desse modo, “determinadas experiências culturais, associadas a uma certa maneira de ver filmes, acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais” (Duarte, 2002, p. 19).

Nesse sentido, o diálogo entre educação e comunicação midiática parte da compreensão de que estes são “instrumentos de luta para a emancipação dos indivíduos e das classes, e não apenas como meras estruturas de dominação e reprodução das desigualdades sociais” (Beloni, 2009, p.02). Isso precisa se dar, claro, a partir de um olhar crítico que possibilite uma gama de leituras e conexões com a realidade social. Para Martins (2021, p. 197), “[...] as várias possibilidades de trabalho com o cinema na escola podem trazer novas referências e sentidos no campo da imagem que desnaturalizam estereótipos e ampliam possibilidades de reconhecimento e participação [...]”.

Incorporar à formação docente continuada as possibilidades de contribuição das tecnologias midiáticas e aliar a estas as discussões acerca dos Direitos Humanos, pautadas na diversidade, traz uma perspectiva diferenciada, em favor, especialmente, da valorização dos diferentes sujeitos que se fazem presentes na sala de aula. Somado a isso, enfatizamos, aqui, a importância de se trabalhar a formação docente como um problema complexo, que ultrapassa a barreira do ensino, indo ao encontro dos temas como a diversidade (inclusão, gênero e raça). O cinema, como tecnologia midiática e que engloba as representações sociais, pode ampliar as possibilidades de reflexão no ambiente escolar e na formação continuada do professor. É preciso introduzir filmes no espaço educacional, inseri-los em práticas pedagógicas e mostrar a pertinência disso para a formação docente. É o que pretendemos investigar neste artigo.

Cinema e educação⁸

⁸ O diálogo entre cinema e educação não carrega um sentido isolado, único, mas está em constante disputa, operando por meio de diversas tendências teóricas que afinam as silhuetas deste encontro, dentre elas, os estudos culturais, a abordagem sociológica e a didática do cinema, apontadas por Rogério de Almeida (2017), bem como entendimentos da teoria crítica, operados, por

O sistema educacional, conduzido por políticas neoliberais, encontra-se fragmentado, deixando a desejar em estrutura, em equipamentos adequados e na formação dos professores. Diante da fragilidade na formação inicial e continuada do docente para o uso das tecnologias, amplia-se a necessidade de formação do professor para o domínio de tais técnicas, com ênfase na construção de um conhecimento reflexivo e consciente, que alie as tecnologias midiáticas, e, de forma mais específica, o cinema, a uma discussão mais ampla, facilitadora da compreensão dos direitos humanos, problematizando e refletindo acerca da diversidade no espaço escolar.

Apesar de serem ações afirmativas, as leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, que estabelecem as diretrizes e bases da educação nacional, para inclusão no currículo da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, apontam que a escola, enquanto instrumento de diálogo e de ressignificação de práticas produzidas por uma sociedade capitalista, classista e fundamentada em relações de poder e hierarquia racial, necessita aprofundar o seu papel na valorização da diversidade e no combate à segregação. Nesse sentido, destacamos o pensamento de Hooks (2013, p. 10), para o qual, a educação apresenta um teor político para toda população negra, apresentando o potencial de “nutrir o intelecto” como um ato “contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista”.

A escola caracteriza-se, essencialmente, como lugar de saberes específicos, no entanto, é preciso enfatizar que esses mesmos saberes não permanecem presos ao universo escolar, ultrapassam os muros e influenciam práticas culturais e formas de pensar e agir. Assim, podemos compreender que a escola não é um espaço fechado em si mesmo (Forquin, 1992).

Nesse sentido, compreender este processo e as possibilidades de diálogo entre formação docente, cinema e diversidade “[...] corrobora com a relevância científica da investigação que leva em consideração as interações dialéticas com os

exemplo, por intelectuais da Escola de Frankfurt (Pucci, 1995). Caminhando entre múltiplas linhas que percorrem a mera reconhecimento da imagem no mesmo, a disposição didática do conteúdo em sala de aula ou até as variações contínuas da diferença na experimentação com os filmes, “[...] o cinema não está alheio ao pensamento, podendo ser compreendido como um modo de pensar, como uma experiência filosófica” (Almeida, 2017, p. 01). Neste caminho, pensar/praticar a educação com/através das imagens em movimento se constitui como um agenciamento (Deleuze; Guattari, p. 2011) precisamente por transformar a natureza de ambos em meio a conexões ampliadas (Junior; Maknamara, 2023, p. 3).

artefatos tecnológicos, que até então circulam no cotidiano escolar por leituras fragmentárias e no silêncio do agir pedagógico” (Habowski; Conte, 2019, p. 43).

O cinema, assim como a educação, quando respaldado por uma proposta crítica, de problematização da realidade, possibilita-nos a compreensão e o desvelamento de ideologias que naturalizam tais contradições sociais, em narrativas e múltiplas leituras para questões tão pontuais e necessárias para o debate quanto aquelas que perpassam os direitos humanos, uma vez que, “cinema é movimento, transformação. As experiências oportunizadas contribuem para a formação pessoal e conseqüentemente, na profissional, rompendo as estruturas rígidas de comportamentos e a rotulação dos conhecimentos” (Rosa, 2021, p. 219).

Se pegarmos como exemplo o filme *A mulher Rei*, nota-se que, em seu entrecho, fomenta-se um debate interessante a respeito das relações humanas no que se refere à diversidade (cultural, racial, gênero e etc.). Com alusão direta ao empoderamento feminino negro, o filme tem como inspiração um grupo de mulheres da África Ocidental, formado por guerreiras do antigo reino de Daomé, em contexto do século XIX, quando tomava forma, em meio a disputas tribais locais, o mercado escravagista europeu. Ao levarmos para a sala de aula um filme como este, oportunizamos, junto aos alunos, novas reflexões a respeito tanto do tratamento dispensado às mulheres e aos negros naquele período histórico, como as consequências que reverberam nas opressões vividas ainda hoje. E assim, delimitamos e desconstruímos, em ambiente escolar, por um lado, os discursos que cristalizam uma visão hegemônica de mundo — pautada, essencialmente, na dicotomia superiores/inferiores — e por outro, apontamos aos alunos vias de resistência a tais opressões, a partir da valorização do protagonismo tanto negro como feminino.

Para Bouillet (2021), a discriminação e as desigualdades são produzidas para que haja a manutenção do poder existente e a continuidade do modelo social, limitando o olhar investigativo e crítico dos sujeitos. “Se o cinema é capaz de nos impor valores e padrões sociais que acabam sendo aceitos e internalizados, também podemos considerar que ele é capaz de nos ensinar a perceber a realidade de maneira crítica” (Carneiro, 2021, p. 14).

Levar, para a sala de aula, os conteúdos que são ressignificados no filme *Medida Provisória* favorece o desvelamento dos alunos do senso crítico para que

sejam capazes de refletirem sobre o que legitima uma ideologia que segrega e o que aponta vias de valorização (identitária, racial, de gênero). Este filme nacional, dirigido por Lázaro Ramos, aborda, a partir do sistemático processo histórico de anulação das vivências negras por um processo colonial responsável pela invisibilização de uma raça tida como inferior, o racismo estrutural ainda presente no país. Isso tendo como universo um espaço, de certo modo distópico e futurístico, que alavanca o racismo a um outro patamar social: a partir de uma medida provisória no Congresso Nacional, políticos procuram estabelecer, como forma de ‘reparo histórico’, o contato dos negros com suas origens, devolvendo-os à África. O filme procura, desse modo, desvelar as estratégias que cristalizam, na sociedade atual, o domínio de uma raça sobre outra a partir de certas artimanhas que desaguam na segregação. Pela exploração de tal película em sala de aula, oportuniza-se discutir a cristalização do preconceito, que expande seus tentáculos ao poder político, chegando a medidas extremas, que desencadeiam grandes violências na vivência dos negros em território nacional.

Amparados pelo pensamento de Theodor Adorno e Horkheimer (1985), compreendemos que o cinema faz parte do que ele denomina como Indústria Cultural, e introduz o pensamento da classe dominante como se fosse o pensamento de todos os sujeitos, universalizando-o. Ainda que o receptor não seja totalmente passivo, evidencia-se o caráter ideológico produzido por essa indústria na sociedade capitalista, cuja tendência é um condicionamento do indivíduo através da aproximação com a realidade. Segundo Pires e Silva,

Essa relação de proximidade entre o cinema e a realidade facilita o trânsito das representações e, por extensão, a maior identificação com o seu dispositivo cultural. Muitos filmes têm essa facilidade de produzir aproximação entre realidade e ficção pelo aporte da reprodução de imagens cotidianas da vida social. Pensamos na pertinência de utilizarmos esse caráter atributivo do cinema na escola, uma vez que a linguagem cinematográfica tem se afinado cada vez mais com os processos pedagógicos críticos nas reflexões sobre temas e problemas pertinentes à realidade concreta, que buscam instrumentos de emancipação de uma perspectiva crítica acerca do contexto social vivido. Quando empregado de forma crítica na escola, o cinema funciona como construtor de um conhecimento novo (2014, p. 611).

Ao inserirmos criticamente filmes como *Mulher Rei* e *Medida Provisória* em sala de aula como ferramenta pedagógica, apontamos, junto aos alunos, para

perspectivas novas de construção social, novos conhecimentos a respeito da necessidade de enfrentamento às violências às quais são submetidos, cotidianamente, os grupos sociais chamados de minorias, desprovidos de direitos e discriminados sutil e/ou escancaradamente. É importante ressaltar que o uso correto de filmes em sala de aula contribui “para o conhecimento histórico e para o ensino de História, assim como de outras disciplinas, ajuda na reflexão de que as imagens são representações e não a realidade. Auxilia também no entendimento de que a História é a reflexão sobre o passado a partir do presente” (Santos, 2021, p. 65).

Tais questões despontam como uma temática que precisa ser investigada, principalmente neste momento, no qual vivenciamos o acirramento das contradições sociais e das ideologias que proliferam de forma a descaracterizar os direitos humanos, principalmente para aqueles que, historicamente, encontram-se excluídos pelas estruturas hierarquizadas da desigualdade racial. O momento histórico configura-se, então, como oportunidade de discussão, no âmbito acadêmico, sobre como o discurso cinematográfico tem favorecido, nos últimos anos, a afirmação de uma representatividade negra, como observamos em *A Mulher Rei* e em *Medida Provisória*. Na compreensão de Moran (2003), o cinema deve ser considerado como escola de vida, e por meio de seus sentidos, torna-se escola de compreensões que podem ser analisadas e questionadas, observando as instabilidades e a ocultação, exercitando o pensamento constantemente para não falsear a si mesmo.

Compreender o ensino a partir do uso de recursos tecnológicos somente como ferramentas serve para desconectá-los de uma formação que contribua para a construção do conhecimento em sua perspectiva reflexiva. É preciso mostrar que esse conhecimento não está ligado apenas à técnica, mas é capaz de dialogar, problematizar e, continuamente, proporcionar a reflexão (Silva, *et al.*, 2020, p. 100). Sendo assim, a educação tem a possibilidade de tornar-se algo maior, uma prática libertadora, desde que a direcionemos para tais propósitos.

Nesse sentido, as questões sobre o que ensinar e quais os conteúdos a serem abordados perpassam uma discussão fundamental no seu interior e se entrelaçam com a formação do educador. Ultrapassa, portanto, as amarras e reproduções do passado e colabora para a compreensão do presente, por meio de um conjunto de representações das maneiras intencionais pelas quais se tecem as relações sociais, seus engendramentos e sua estruturação no poder, que acarreta a

divisão de classes. Atitudes e valores nas escolas são repassados pelos docentes, ou até mesmo silenciados de sua perspectiva reflexiva, o que legitima as ideologias impostas e fragmenta a formação dos indivíduos. Se levarmos em conta os filmes acima mencionados, Enquanto *A mulher Rei* (filme americano) transcende uma visão hegemônica a respeito das questões de gênero e raça, pautada em questões históricas e cujo elenco é essencialmente feminino, *Medida Provisória* (filme brasileiro) estabelece uma ideia a partir de visão futurista e crítica das questões do racismo estrutural e suas manifestações na sociedade. Tais ideias, que remetem a discussões de gênero e raça, podem ser de grande valor em sala de aula, desde que trabalhadas sob um enfoque crítico e de desnaturalização de um discurso hegemônico historicamente imposto, que se orienta pela truculência e pela segregação.

[...] a ideia de respeito às culturas supõe a existência de um ponto de vista exterior às próprias culturas e a adoção de critérios com caráter de universalidade. Assim, uma educação intercultural só pode conceber a atenção e o respeito que indivíduos de diferentes culturas merecem se ela for capaz, antes de tudo, de reconhecê-los como seres humanos genéricos, que apresentam uma vocação transcultural para a racionalidade (Forquin, 2000, p. 63 *apud* Valle, 2014, p.74).

Para que a escola consolide esse respeito em seu interior, são necessários mecanismos de disseminação, para além dos modismos os quais utilizam a técnica de maneira desvinculada do trabalho pedagógico, para que seja possível ultrapassar o pensamento ingênuo. Assim, é possível fomentar inquietações que levem os sujeitos à compreensão e interpretação de sua realidade para além da lógica de mercado a partir da qual os fenômenos históricos são, normalmente, impostos (Tedesco; Lacerda, 2020).

E aqui a mídia-educação, que hoje é considerada uma condição de cidadania e implica a possibilidade de lidar pedagogicamente com todas as mídias e tecnologias, continua a nos ancorar nas mediações a partir das perspectivas crítica-reflexiva, metodológica-instrumental e produtiva-expressiva. Nessa abordagem, aprender e ensinar no entorno digital envolve a construção de um agir e pensar crítico, responsável e solidário de modo a assegurar um acesso qualificado à tecnologia como igualdade de oportunidades e possibilidades diante de toda diversidade de desafios colocados pela cultura digital (Fantin; Rivoltella, 2021, p. 12).

Ao construirmos significados para a prática docente, articulamos aprendizagens que incitam à reflexão sobre o uso das tecnologias, fomentando uma visão de mundo ampla, que descortina pressupostos ideologicamente utilizados e acresce representatividade a grupos sociais historicamente negligenciados. “Saber igualmente fundamental à prática educativa do professor [...]. É o que a ideologia tem que ver diretamente com a ocultação da verdade dos fatos” (Freire, 2021, p. 123).

Sob essa perspectiva, situando-a no atual momento histórico, podemos compreender que as ideologias presentes nas tecnologias de maneira geral, se não explicitadas, “[...] podem causar a perda de sentido e o enrijecimento intelectual pela ausência de (auto)crítica. A sociedade semiformada reflete a passividade e a transposição de falsas verdades em formas de vida massificadoras, promovidas pela indústria cultural” (Habowski; Conte, 2019, p. 57-58). Sendo assim, é importante não negar a tecnologia ou o seu uso educacional, mas reelaborar e reinterpretar conceitos, trazendo-os para a atualidade — é o caso, por exemplo, de discussões, através do gênero filme, sobre gênero e raça em contextos (ainda) colonizadores. Enquanto docentes, torna-se imprescindível estarmos preparados para a sua utilização de forma crítica e consciente.

Desse modo, não basta a distribuição de recursos para qualificar a acessibilidade digital, é necessário desenvolver narrativas digitais com os professores para dar sentido e condições de possibilidade para transformar os conhecimentos pedagógicos e as linguagens tecnológicas na práxis. Cultivar novas formas de aprender na relação interconectada com os outros implica na percepção tecnológica de que a força do conhecimento não está no artefato em si, mas no reconhecimento de suas limitações e paradoxos argumentativos (Habowski; Conte, 2019, p. 135).

Nesse sentido, o trabalho educativo por si só não apresentaria reais condições de responder à problemática imposta pela atual sociedade e toda sua dinâmica, a qual perpassa pelas questões ideológicas. No entanto, aliado à perspectiva crítica, este trabalho pode direcionar o processo de reflexão (Adorno, 2022). Aprofundar reflexões quanto ao uso do cinema e às competências digitais dos professores, levando em conta as questões de gênero e étnicos-raciais e o processo de formação continuada do docente, é um caminho pertinente para evidenciar seu caráter de urgência, direcionando o multiculturalismo como “ferramenta pedagógica que questiona continuamente a racialização,

subalternização, inferiorização e seus padrões de poder, visibiliza maneiras diferentes de ser, viver e saber [...]” (Walsh, 2009, p. 25).

No trecho onde as mulheres aparecem lutando como defensoras (Agojies) do reino de Daomé, no filme *A Mulher Rei*, nota-se como as estratégias de desnaturalização do racismo e a valorização do multiculturalismo servem de reflexão acerca das relações humanas, tirando a figura da mulher negra como empregada doméstica, colocando-a como força militar. Com tais discussões, os alunos podem perceber que as questões raciais e de gênero devem ser problematizadas, assim como o racismo estrutural, que compõe a temática central em *Medida Provisória*. Sendo assim, se

[...] os elementos progressistas da educação formal forem bem-sucedidos em redefinir a sua tarefa em um espírito orientado em direção à perspectiva de uma alternativa hegemônica à ordem existente, eles podem dar uma contribuição vital para romper a lógica do capital não só no seu próprio limitado domínio como também na sociedade como um todo (Mészáros, 2004, f. 18, *apud* Moraes, 2009, p. 603).

Como se nota, os professores, em sua *práxis* educativa, não podem sucumbir à reprodutividade técnica imposta pelo sistema, sendo essencial para eles que entendam que, sem o elemento crítico, o uso do cinema em sala de aula pode ser visto como mero entretenimento, reprodução técnica esvaziada de reflexão; por outro lado, com as ferramentas adequadas, ele pode carregar objetivos didáticos explícitos, os quais evidenciam reflexões sobre o objeto em questão, relacionando-o a determinados conteúdos e colaborando na construção dos conhecimentos que precisam ser apropriados pelos alunos.

Para se pensar, de forma consciente, o processo educativo como parte das inovações tecnológicas, permeado por seus avanços e por suas narrativas, é fundamental incorporar, em seu interior, as outras discussões que questionam a produção de estereótipos que promove a não conscientização dos sujeitos em suas diversas relações sociais. Um longo caminho, mas de fundamental importância para uma prática educacional que se pretenda transformadora.

É justamente essa prática que confere ao indivíduo o significado da permanente busca e compreensão dos direitos humanos. E transitando entre a tríade formação continuada/cinema/relações raciais, teremos condições de argumentar sobre como o diálogo entre educação e tecnologia pode apontar para

vias pertinentes de ressignificação social e não discriminação, para a valorização da identidade negra e da luta das mulheres por igualdade de condições, problematizando estereótipos colonizadores.

Considerações finais

A escola precisa desmistificar as compreensões fragmentadas, a partir da produção do conhecimento e ressignificação das linguagens que se apresentam por meio de uma pedagogia libertadora, que possa partir do diálogo e da superação de visões ideologicamente repassadas. Diante disso, o uso das tecnologias no campo educacional não pode ser compreendido como elemento redentor das mazelas e fragilidades educacionais, mas como ferramenta que ajuda no enfrentamento da passividade provocada por estratégias que insistem na reificação do sujeito, na sua conversão em objeto, uma mera peça na engrenagem social.

Os processos de interação na sala de aula podem fomentar discussões e novos caminhos para uma renovação nos conceitos trabalhados por meio de um olhar amplo. Mais do que um espaço de circulação de pessoas, a escola é, sobretudo, um lugar em que simbologias e saberes são transmitidos. E nesse caminho,

A revisão de literatura nos aponta para a proficuidade do agenciamento Cinema + Educação entre os/as pesquisadores/as brasileiros/as, especialmente a partir de 2016 na esteira da aprovação da Lei 13.006/2014⁹. Partindo de abordagens teórico-metodológicas diversas, tais pesquisas traduzem a variação intensiva do encontro dos filmes com os mais diferentes espaços de formação, sinalizando para a potência dos processos de subjetivação e seu interesse como *locus* pedagógico. Ainda que tenhamos destacado a recursividade didática e a experiência estética como focos de investigação nas discussões aqui apresentadas, reforçamos o quanto estes temas se atravessam e apresentam nuances que, em suas diferenças, provocam riqueza e um pensamento criativo (Junior; Maknamara, 2023, p. 24-25).

O conhecimento, quando conectado à tecnologia, não pode se prender a manuais, fragmentando-se à técnica do como fazer, e tampouco assumir posição de neutralidade diante da realidade que se apresenta. Esses são elementos que se inserem em um processo dialético, em permanente movimento, subjacentes à força

⁹ Lei sancionada em 2014, a qual prevê a obrigatoriedade da exibição de filmes nacionais, integrada à proposta curricular da educação básica.

dos movimentos contrários a partir da realidade histórica com suas determinantes sociais. O uso das tecnologias é uma realidade no espaço educacional.

É preciso que haja uma sincronia harmônica no interior da escola, especialmente no que tange à tecnologia, às mídias e ao cinema, para que o fazer pedagógico seja, de fato, profícuo. Contudo, isso não é o suficiente. Faz-se necessário que a formação docente inicial e continuada seja adequada às reais necessidades de se trabalhar com as metodologias específicas de natureza midiática. O recurso por si só não é suficiente. Entendemos que a formação docente e a sua estruturação em uma base científica e institucional é determinante para o efetivo e satisfatório trabalho com a tecnologia, com as mídias fílmicas na escola, de forma a abordar e refletir pertinentemente sobre a diversidade.

Referências

ADORNO, Theodor. W. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

ADORNO, Theodor. W; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. São Paulo: Zahar, 1985.

A MULHER REI. Dirigido por Gina Prince-Bythewoo. Produção de Sony Pictures Releasing: Estados Unidos, 2022.

BELONI, Maria L. *O que é mídia-educação?* Campinas: Autores Associados, 2009.

BOUILLET, Rodrigo F. *Cinema, estado e relações étnico-raciais: assimetrias, tensões e lutas*. Dissertação (Mestrado). 169 f. Programa de Pós-graduação em Relações Étnico-Raciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca- CEFET/RJ, 2021. Disponível em: <https://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/165_Rodrigo%20Fagundes%20Bouillet.pdf> Acesso em: 17 de abr. de 2024.

BRASIL. *Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008*. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. *Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003.D.O.U.* de 10 de janeiro de 2003. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004.

CANDAU, Vera M. Universidade e formação de professores: que rumos tomar. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Magistério: construção cotidiana*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

CARNEIRO, Bruna Beatriz Lemes. *Cinema e educação: a dimensão dialética do cinema e seu papel na formação dos indivíduos*. Dissertação de Mestrado. 146 f. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/31736/4/CinemaEducaçãoDimensão.pdf>> Acesso em: 17 de abr. de 2024.

DUARTE, Rosália. *Cinema & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DOMINGOS, Helena P. *Viva o cinema e a arte literária na formação interdisciplinar de professores(as)*. Dissertação de Mestrado. 140 f. Pós-graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras. UNIOESTE, Foz do Iguaçu, Paraná, 2016. Disponível em <https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/2574/1/Helena_Domingos_2016.pdf> Acesso em: 08 ago. 2024.

FORQUIN, Jean-Claude. *Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais*. Teoria & Educação, V. 5, p.28-49, 1992. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/477905064/FORQUIN-Jean-Claude-Saberes-escolares-imperativos-didaticos-e-dinamicas-sociais-pdf>> Acesso em: 18 jun. 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GURGEL, Evanilson; MAKNAMARA, Marlécio. Masculinidades nos currículos de “Tropa de Elite” e de “Praia do Futuro”. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 1502-1522, out./dez. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.31i103.3955c>>. Acesso em: 23 mar. 2023.

HABOWSKI, Adilson C.; CONTE, Elaine. *(Re)pensar as tecnologias na educação a partir da teoria crítica*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MAGALHÃES, Lígia K. C.; AZEVEDO, Leny C. S. S. *Formação continuada e suas implicações: entre a lei e o trabalho docente*. Cad. Cedes, Campinas, v. 35, n. 95, p. 15-36, jan.- abr., 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/G7Fqdms45c6bxtK8XSF6tbq/?lang=pt>> Acesso em: 04 ago. 2024.

MARTINS, Karine J. Episódios de aprendizagem situada na construção de oficinas de cinema em uma pesquisa-intervenção. In: FANTIN, M.; RIVOLTELLA, P. C. (org.). *Episódios de aprendizagem situada e multiletramentos na escola, na pesquisa e na formação*. Curitiba: Appris, p. 193 – 208, 2021.

MEDIDA PROVISÓRIA. Direção: Lázaro Ramos. Produção de Lebery Produções e Lata Filmes. Brasil: Estados Unidos: Globo Filmes, 2022.

MERCADO, Luís L. P. *Formação continuada de professores e novas tecnologias*. Maceió: EDUFAL, 1999.

MORAES, Maria C. M. A teoria tem consequências: indagações sobre o conhecimento no campo da educação. *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 30, n. 107, p. 585-607, maio/ago. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/ZS6HLdsDxjnLbHqkW5hnh9w/>> Acesso em: 5 jan. 2022.

MORAN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloa Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PIRES, Maria C. F.; SILVA, Sergio L. P. O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 35, n. 127, p. 607-616, abr.-jun. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/s66hjCWqgBRckwwj5MGzztp/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 30 de jul. 2024.

PRETTO, Nelson de. *Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia*. Campinas: Papirus, 1996.

QUADROS, Cledson; CRUZ, Fernanda. Análise e reflexões do filme medida provisória: Formas de (re)existências em um Brasil distópico. **Revista Eletrônica Interações Sociais**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 109–113, 2023. DOI: 10.14295/reis.v6i1.14827. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/reis/article/view/14827>. Acesso em: 15 ago. 2024.

RIVOLTELLA, Pier C. Episódios de aprendizagem situada gênese e definição. In: FANTIN, Mônica.; RIVOLTELLA, Pier C. (org.). *Episódios de aprendizagem situada e multiletramentos na escola, na pesquisa e na formação*. Curitiba: Appris, p. 35 -54, 2021.

FANTIN, Mônica; RIVOLTELLA, Pier C. (org.). *Episódios de aprendizagem situada e multiletramentos na escola, na pesquisa e na formação*. Curitiba: Appris, 2021.

ROSA, Ludmila R. *As experiências com o cinema na transformação docente*. Tese de Doutorado. 242 f. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, 2021. Disponível em <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/31840/7/ExperienciasCinemaTransformacao.pdf>> Acesso em: 08 ago. 2024.

SILVA, Bruno H. S.; GAIA, Cheliane E.; SILVA, João B. C. Críticas freiriana à “educação remota”: perspectivas e contradições. In: TEDESCO, Anderson L.;

LACERDA, Tiago E. [org.]. *Paulo Freire 100 anos: o centenário de um pensamento intempestivo*. [recurso eletrônico] Curitiba-PR: Bagai, 2020. p. 90-102. Disponível em: <<https://pibid.unespar.edu.br/noticias/paulo-freire-100-anos-2020.pdf>> Acesso em: 08 ago. 2024.

SILVA JUNIOR, A. O. da; MAKNAMARA, M. Cinema e educação: roteiros, cenas e takes em suas pesquisas. **Educação**, [S. l.], v. 49, n. 1, p. e74/1–31, 2024. DOI: 10.5902/1984644474699. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/74699>. Acesso em: 15 ago. 2024.

TEDESCO, Anderson L.; LACERDA, Tiago E. [org.]. *Paulo Freire 100 anos: o centenário de um pensamento intempestivo*. 1.ed. [recurso eletrônico] Curitiba-PR: Bagai, 2020. Disponível em: <<https://pibid.unespar.edu.br/noticias/paulo-freire-100-anos-2020.pdf>> Acesso em fev. 2023

VALLE, Ione R. *Sociologia da Educação: currículo e saberes escolares*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial. In CANDAU, Vera Maria (org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524

ISSN: 2238-6424